



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

CEZAR JOSE DA SILVA

**DOM ADAUTO DE MIRANDA: As multifaces do primeiro bispo da
Paraíba**

CAMPINA GRANDE – PB

2012

CEZAR JOSÉ DA SILVA

**DOM ADAUTO DE MIRANDA: As multifaces do primeiro bispo da
Paraíba**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Graduação **em História** da Universidade
Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência
para obtenção do grau de Licenciado em História

Orientador: Prof Dr. José Adilson Filho

CAMPINA GRANDE – PB

2012

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL – UEPB

S586d Silva, Cezar José da.
Dom Aduino de Miranda [manuscrito] : as multifaces
do primeiro bispo da Paraíba / Cezar José da Silva . – 2012.
36f.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História)
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2012.
“Orientação: Prof. Dr. José Adilson Filho,
Departamento de História”.

1. Biografia. 2. Dom Aduino de Miranda. 3. Religião. I.
Título.

21. ed. CDD 920.008 8

CEZAR JOSÉ DA SILVA

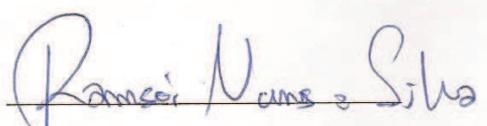
DOM ADAUTO DE MIRANDA: As multífaces do primeiro bispo da Paraíba

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação **Em História** da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciado em História.

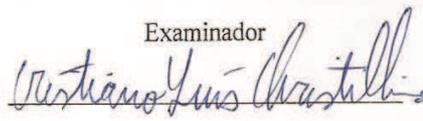
Aprovada em 06/12/2012

 nota 10,00
Prof. Dr. José Adilson Filho / UEPB

Orientador

 nota 10,00
Prof. Dr. Ramsés Nunes e Silva/ UEPB

Examinador

 nota 10,00
Prof. Dr. Cristiano Luís Christillino/ UEPB

Examinador

DEDICATÓRIA

À minha mãe Maria José e a minha avó Ana, por me ensinarem a ser a pessoa que hoje sou.

AGRADECIMENTOS

Ao pessoal da minha turma, Kaline, Melissa, Jadson, Regina, Sandro, Fernanda, Luciano, Romulo, Andreia, Monica, Nilton, Williams, Marcos e Josenildo, pelos momentos de amizade e apoio;

Também a Ana Carolina Araújo Marinho (Carol) e Kaline Ferreira Costa (Japa) por ter me auxiliado na correção do português e por serem pessoas representativas para mim;

Ao professor Dr. José Adilson pelas leituras sugeridas ao longo dessa orientação e pela sua dedicação;

Ao Professor Dr. Ramsés Nunes por me fornecer grande parte do material da pesquisa;

A Kenya Araújo, Elis Cavalcante e Catarina por terem me cedido o material do jornal “A Imprensa”;

A minha família, por me aguentar enquanto fazia minhas pesquisas e escritas, principalmente minha mãe, minha avó (Ana) e Minha Tia (Margarida);

Aos professores do Curso de História UEPB, em especial, Josemir Camilo, Martha Lucia, Faustino Neto, que contribuíram ao longo de 5 anos, por meio das disciplinas e debates, para o desenvolvimento desta pesquisa;

Aos funcionários da UEPB, pela presteza e atendimento quando nos foi necessário.

RESUMO

A religião foi sempre um referencial para a sociedade, que lhe conferiu preceitos morais e criou uma grande rede de signos e significados, que se tornaram muito importantes para os membros das sociedades humanas. Uma dessas grandes religiões é o cristianismo, que surgiu ainda na História Antiga e que hoje se divide em vários ramos. A maior dessas divisões é a Igreja Católica, que passava por um período de perda de poder no fim do século XIX e começo do século XX. Nesse contexto, entra o personagem analisado na presente obra historiográfica, Dom Aduino de Miranda, o qual foi um homem que teve muita importância em várias áreas do poder na Paraíba. Nesse artigo, então, iremos analisar tais influências, partindo de um campo mais religioso e atravessando os caminhos da educação e da política, e não deixando de relatar suas influências no campo da romanização do clero paraibano.

Palavras-chave: Religião. Poder. Paraíba. Dom Aduino. Igreja.

ABSTRACT

Religion has always been a reference to society, which gave him moral precepts and created a large network of signs and meanings that have become very important for members of human societies. One of these major religions is Christianity, which originated in Ancient History and now splits into several branches. The largest of these divisions is the Catholic Church, which went through a period of loss of power in the late nineteenth and early twentieth centuries. In this context is Dom Aduino de Miranda, who was a man who played an important role in various areas of power in Paraiba. In this article, so let's examine these influences, a more religious field and crossing the paths of education and politics, and not forgetting to report their influences in the field of Romanization of the clergy in Paraiba.

Keywords: Religion. Power. Paraiba. Dom Aduino. Church.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1. CONTEXTO HISTÓRICO.....	12
1.1 A POLITICA NA PARAÍBA NA PRIMEIRA REPUBLICA.....	14
1.2 NASCIMENTO, ESTUDOS, ORDENAÇÃO E INDICAÇÃO AO BISPADO.....	15
1.3 POLITICA E O PROCESSO DE ROMANIZAÇÃO.....	17
2. AÇÃO PASTORAL DE DOM ADAUTO.....	21
3. A RELAÇÃO DA ENTRE A MODERNIDADE E A RELIGIOSIDADE.....	25
4. EDUCAÇÃO E O BISPO ADAUTO.....	30
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	33
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	34
FONTES.....	36

INTRODUÇÃO

No fim do século XIX o mundo passava por um período de incerteza. A Europa vivia a Belle Époque que, ao mesmo tempo, foi um período de grande esplendor cultural, mas também foi de muita angústia, devido à paz armada¹. Neste mesmo período o Brasil passava pela transição da Monarquia para a República, momento este crucial para a Igreja Brasileira, pois com o fim do Império chega-se também o fim do Padroado².

Uma corrente bastante forte no clero do norte do país á época era o Ultramontanismo³, também conhecida por romanização. O sujeito histórico alvo dessa pesquisa, então, vem a ser o teórico Adauto Aurélio de Miranda Henriques, professor com características ultramontanas que teve trajetória no seminário de Olinda e que foi indicado para ser primeiro bispo da cidade da Parahyba. (DIAS, 2008)

Tendo isso em vista, o objetivo geral dessa pesquisa é buscar pensar as multifaceis desse individuo como o mesmo influenciou a política, a religião católica, a educação da Parayhba, enfim, como essa figura histórica, a partir de sua representatividade, conseguiu influenciar os diversos setores histórico-sociais do estado.

Esta pesquisa é fruto de inquietações que permearam os anos referentes á graduação, onde foi aumentando gradativamente o interesse pelo estudo da Igreja Católica como instituição de grande influencia na nossa sociedade, e também por seus membros mais proeminentes que se destacaram em fazer religioso. Deste modo, no presente Artigo, escreveremos uma biografia histórica de uma das maiores figuras da instituição católica na Paraíba, focado no período do seu bispado e nos primeiros anos do arcebispado.

Em relação à discussão acerca de biografias, Gonçalves (P. 120, 2009) afirma que:

No alvorecer do século XXI, a biografia desfruta de favores e valores entre os gêneros discursivos mais presentes em diversos suportes: dos textos impressos, em tamanhos e formas variadas, às apropriações midiáticas pelo

¹ Corrida Armamentista entre a Tríplice Aliança e Tríplice Entente que culminou na 1ª Guerra Mundial (1914-1918).

² Sistema pelo qual o Chefe de Estado tem poder sobre a Igreja local. No caso do Brasil, o Imperador.

³ Teoria pela qual os sacerdotes devem obediência total ao Santo Papa e a Cúria Romana.

cinema, televisão e pela internet. Nos espaços acadêmicos e em campos de saber das ditas ciências sociais, ênfase para a história, a antropologia e a teoria literária, a reflexão acerca da presença e do uso de narrativas sobre ações e emoções de sujeitos individuais expandiu-se consideravelmente, na esteira do que veio a ser designado de virada lingüística e guinada subjetiva.

Desse modo a biografia voltou a permear o pensamento acadêmico, seja na historiografia, seja nas ciências sociais, enfim, é um das novas perspectivas de estudo sobre determinados lugares de poder.

Por muito tempo a biografia foi colocada em segundo plano no campo historiográfico, pois, com a exclusão do indivíduo e da política nas escritas na primeira geração dos *Annales*, sendo substituído por estruturas e posteriormente por mentalidades. As biografias históricas só voltam a ser praticadas com a volta da narrativa na 3ª geração dos *Annales*.

O gênero continuava a ser praticado, porém desvestido de glórias universitárias até que a reação, nas décadas de 1980 e 1990, acompanhou o florescimento da História narrativa, da valorização do indivíduo, que encontrou novamente espaço emergindo das estruturas das classes sociais. Bloc, Febvre e Michelet foram revisitados em busca de inspiração. (MALATIAN, 2000, P.20).

Por fim, a biografia voltou com tudo, levando historiadores famosos a escrevê-las, como relata Malatian (2000):

Os historiadores formados na tradição dos *Annales* enfrentaram o gênero e produziram obras de peso, como Duby, em *Guilherme o marechal...* (1995) e Le Goff, com *o São Luís* (1996), de que falarei adiante. Com eles a biografia ganhou prestígio na historiografia universitária, que passou a validar o gênero. (MALATIAN, 2000, P.20).

Entende-se, portanto, que diante das possibilidades de pesquisas históricas, a biografia se encaixa de maneira desejável, principalmente para o caso em questão.

A metodologia utilizada na pesquisa foi a leitura crítica de documentos escritos, sendo estes: jornais e cartas pastorais, ambos publicados pela Imprensa Oficial da Diocese, posteriormente Arquidiocese da Paraíba, onde procuramos extrair informações

necessárias que dessem respaldo ao nosso objetivo. Essa pesquisa documental foi auxiliada por leituras bibliográficas acerca do aporte teórico necessário ao desenvolvimento da presente produção. Sobre o pensamento sobre as fontes escritas corroboramos as ideias de CELLARD (2008) quando ele diz que:

[...]o documento escrito constitui uma fonte extremamente preciosa para todo pesquisador nas ciências sociais. Ele é, evidentemente, insubstituível em qualquer reconstituição referente a um passado relativamente distante, pois não é raro que ele represente a quase totalidade dos vestígios da atividade humana em determinadas épocas. Além disso, muito freqüentemente, ele permanece como o único testemunho de atividades particulares ocorridas num passado recente. (CELLARD, 2008, p. 295).

Para melhor compreensão do artigo, dividimo-lo em tópicos, sendo estes: **Contexto Histórico**, onde nos debruçamos sobre os aspectos políticos e sociais do Brasil, principalmente no estado da Paraíba adentrando um pouco a vida de D. Adauto antes do bispado e pensando também a romanização na paraíba; No segundo tópico, intitulado **Ação pastoral**, discutiremos tal ação com ênfase na sua administração eclesiástica e suas influencias sobre o clero paraibano; O terceiro tópico, **A relação entre a Modernidade e Religiosidade**, analisaremos a relação que o sacerdote matinha com a modernidade e seus preceitos; Já no quarto tópico, **O Bispo Adauto e a Educação**, tentamos entender a sua relação com a educação, ou seja, a sua perspectiva pedagógica.

1. CONTEXTO HISTÓRICO

Aqui pretendemos discorrer sobre o “mundo” em que Dom Adauto estava localizado socialmente. Este momento é o fim do século XIX e o começo do século XX, que é bem interessante por alguns fatores, pois nessa época a sociedade brasileira estava saindo de um império e chegando a uma república, o que desencadeia mudanças também no pensar da população.

Apesar de ter ocorrido poucas mudanças em relação à elite dominante da nação, com a substituição do regime político, a república trará algo de novo: surge o voto de cabresto, pois com o fim do voto censitário e a adoção do voto universal masculino dos alfabetizados, cria-se essa modalidade de voto. (CARVALHO, 1987)

A Igreja Católica no Brasil, nesse período, passa por uma decadência de poder frente ao governo. O governo imperial chega ao fim, assim como o sistema de padroado, que davam a ela uma união com o Estado, com privilégios de registro de nascimentos e casamentos, enfim, o controle da vida social. (DIAS, 2008)

Outra importante questão é que o catolicismo era a religião oficial do império, e com a mudança para a república e o processo de laicização do Estado brasileiro, (que tinham um pouco da ideologia positivista, levada pelos militares na república da espada) houve o processo de liberação de outras vertentes religiosas que tiraram a unanimidade católica no Brasil.

Vivendo em um momento de laicização do Estado e ao mesmo tempo de forte influência religiosa na educação, pois o projeto de instrução pública pensada por Benjamin Constant e pelo Ministério de Instrução Pública teve efeito muito efêmero, a educação primária caiu nas mãos da Igreja novamente, ficando com ela até a Era Vargas.

Para Carvalho (1987), essa época também foi protagonizada por uma gama de teorias importadas da Europa:

Já ficou registrado que o fim do império e o início da república foi uma época caracterizada por grande movimentação de ideias, em geral importadas da Europa. Na maioria das vezes, eram ideias mal absorvidas ou absorvidas de modo parcial e seletivo, resultando em grande confusão ideológica. Liberalismo, positivismo, socialismo, anarquismo misturavam-se e combinavam-se das maneiras mais exdrúxulas na boca e na pena das pessoas mais inesperadas. (CARVALHO, 1987, P. 42)

Como discute Carvalho (1987), nessa época havia inúmeros pensamentos chegando a nossa terra, e sendo ressignificados. Do mesmo modo, o bispo Adauto vai se debruçar sobre as teorias sociais da igreja, que o mesmo apreendeu com Leão XIII (seu

mentor) e sua *Rerum Novarum*⁴. O bispo, então, há modificou um pouco, focando a demanda social em uma busca pela educação.

A educação e sua forma de ser executada sempre foram preocupações da Igreja. No Brasil, essa interferência se deu da seguinte maneira: começou com os jesuítas nos distantes tempos da colônia, passou pelos seminários que instruíam em matéria secundária grande parte dos filhos das massas, os quais pretendiam aprofundar seus conhecimentos, e culminando em uma educação religiosa proposta pelos papas do final do século XIX, principalmente Leão XIII e Pio X. Isso pode ser considerado uma forma de assegurar fiéis.

1.1 A POLITICA NA PARAÍBA NA PRIMEIRA REPUBLICA

A política paraibana, na primeira república, era baseada, nas oligarquias, do grego *ολιγαρχία*, literalmente o governo de poucos, exercido por um grupo reduzido de pessoas geralmente ligadas às famílias poderosas. No nosso caso esses grupos familiares se apoderaram da vacância de poder, representada pelo cargo de Presidente do Estado, e se apoderaram constituindo um dos pontos-chaves nas disputas posteriores pelo poder.

A tônica das relações políticas tinha como base a famosa política dos governadores que acabava por aumentar bastante o poder dos chefes locais, dando-os poder sobre toda a administração local. CARVALHO (1987) descreve como essa política ocorre:

O governo do estado garante, para baixo, o poder dos coronéis sobre os seus dependentes e seus rivais, sobretudo cedendo-lhe o controle dos cargos públicos, desde o delegado a professora primária. O coronel hipoteca seu apoio ao governo, sobretudo na forma de votos. Para cima, os governadores dão seu apoio ao presidente da República em troca do reconhecimento deste e do seu domínio no estado (CARVALHO, 1997, P.230)

Na Paraíba, a República nem sequer produziu uma falsa imagem ligada às eleições, pois seus dois primeiros presidentes republicanos foram nomeados e não

⁴Encíclica Papal publicada por Leão XIII que formaria o pensamento social da Igreja.

eleitos, dentre eles o amigo do bispo Aduino, Álvaro Machado, que reformulou a constituição estadual e dissolveu o legislativo, instituindo um governo bem personalista.

Durante a República Velha, a política paraibana esteve muito ligada às famílias. Desse modo, podemos pensar no poder paternalista ainda muito presente na política e com um apêndice sobre a religião (católica). Isso foi tão forte que, por exemplo, apenas dois grupos políticos, em geral, dominaram a República Velha no Estado, os Alvaristas⁵(1892-1912) e os Epitacistas⁶(1915-1930), a ainda uma figura de terceiro grupo liderado por Venâncio Neiva⁷. (SANTOS NETO, 2010).

1.2 NASCIMENTO, ESTUDOS, ORDENAÇÃO E INDICAÇÃO AO BISPADO

Dom Aduino Aurélio de Miranda Henriques nasceu em Areia no ano 1855. Filho do coronel Idelfonsiano Clímaco Clodoveu de Miranda Henriques, que era senhor de engenho, com as propriedades do Buraco e Fundão, na mesma cidade, e de Laurinda Esmeralda de Sá e Mello.

Sua família fora muito importante na política das capitâneas e posteriormente estados da Paraíba e Rio Grande do Norte, sendo seu trisavô Francisco Xavier de Miranda Henriques, capitão mor do Rio Grande do Norte, Ceará e Paraíba, no século XVIII.

Foi ordenado padre depois de estudos no seminário de Olinda, onde posteriormente viria a ser professor. Coursou Filosofia no São Suplício, em Paris, e Teologia na Universidade Georgiana, em Roma, doutorando-se em Direito Canônico. Posteriormente, recebeu a indicação para bispo da cidade da Paraíba (diocese recém-criada) em 2 de janeiro de 1894 (tinham, portanto 38 anos). Como estava em Roma à época, foi sagrado bispo na capela do Colégio Pio Latino Americano, vindo a assumir seu posto em março do mesmo ano.

⁵ Grupo ligado a Álvaro Machado (1857-1912) que foi Presidente da Paraíba e Senador pelo mesmo estado.

⁶ Grupo ligado a Epitácio Pessoa (1865-1942) que foi Presidente da República e também senador pelo estado da Paraíba.

⁷ Os Venancistas eram ligados a Venâncio Neiva (1849-1939) que foi Presidente da Paraíba e Senador pelo o estado.

Segundo Barreto (2011), antes de receber o bispado da Paraíba, havia recusado a diocese de Curitiba, permanecendo como professor e diretor espiritual do seminário de Olinda, até sua nomeação para bispo diocesano da Paraíba. Nas suas aulas era um grande defensor do ultramontanismo. (Barreto, 2011)

Seu lema como religioso era “*Iter para Tutum*”, traduzindo literalmente, “Prepara o caminho seguro”. Desta forma, vinha para a Paraíba constituir um caminho seguro para a fé católica, recuperar seu poder e também construir um local que se adequasse ao ultramontanismo.

Dom Adauto era bem relacionado, pois era filho de senhores de engenhos e tinha a amizade de vários políticos influentes, como relata seu biógrafo LIMA:

Filho, neto e bisneto de senhores de engenho (...) nele repontava de vez em quando o senhor de engenho do Nordeste (...) com seu gosto de mandar, com sua veemência tempestuosa ao repreender, com seu trato lhano e afável para os que o compreendiam... (LIMA, 1956, p.)

Sobre sua vida e seus pensamentos, o cônego Francisco de Sales Cavalcante, diz:

Ele se entregaria à missão de plantar a igreja, com aquela combatividade e pertinácia que acompanhariam toda a trajetória do seu longo episcopado, todo vivido na sua terra. Fundou 13 colégios, erigiu 19 novas paróquias, realizou quase 200 visitas pastorais, ordenou 140 padres, numa presença onímoda que trabalhava e fazia trabalhar. Não é exagero dizer que nenhum setor da vida individual e social dos dois Estados deixou de receber a marca de condutor espiritual. (CAVALCANTE, 2002, p.)

Sendo Assim, sua condição espiritual repercutiu perante o povo dos dois Estados (Paraíba e Rio Grande do Norte) de sua jurisdição, principalmente na Paraíba, onde formou a concepção moderna (nem tão moderna) do catolicismo, tentando romper com o catolicismo popular, que dominava a região (romanização).

SILVA (2006) traça um perfil de Dom Adauto:

O bispo Dom Adauto de Miranda Henriques se constituiria em peça-chave nas aspirações ultramontanas que cerrariam fileiras na Parahyba do Norte republicana. Assim Também se configurariam as respectivas cartas pastorais, como que ferramentas dispostas na guerra sem trégua implementada contra o

que a Igreja local chamará de “signal dos tempos”: a individualização, o ceticismo, o crédito na idéia francesa de progresso, o fim do ensino religioso católico oficial.(SILVA, P.190, 2006).

O bispo foi elevado a baluarte da defesa da igreja contra os males mundanos, que a tentava destruir, desse modo, conseguiu se tornar uma figura de poder, seja dentro da igreja católica ou fora, seja como eclesiástico, ou como membro da sociedade na qual desempenhava uma posição de destaque, contando com um grande prestígio perante os poderosos da época, que viam a igreja católica como um sustentáculo do seu poder.

1.3 POLITICA E O PROCESSO DE ROMANIZAÇÃO

Analisando o bispo e posterior arcebispo como figura política, observamos como relatado em um tópico acima, que o mesmo fora grande amigo de Álvaro Machado, o primeiro grande chefe político paraibano na república. Desse modo, colocando a sua figura política já imponente como primeiro bispo do estado e ainda aumentada perante seu capital social⁸.

O sacerdote potencializou seu poder político de representante da igreja com a criação de veículos de comunicação como o jornal “A Imprensa” e o “Oito de Setembro” (de vida curta) e ainda usou a gráfica da diocese para imprimir alguns outros jornais católicos e republicanos (DIAS, 2008).

Outra forma de expandir sua figura política, além da mídia impressa e de seu capital social, era as visitas pastorais, onde o bispo, além de fazer uma supervisão e “olhar seu rebanho”, fazia contatos políticos e eclesiásticos e também colocaria sua imagem perante o povo do estado. Como é relatado também no Jornal a Imprensa, sua visita era anunciada e as elites locais utilizavam também da figura do bispo para se promoverem perante a população:

⁸ “às coisas intangíveis [que] são importantes para o cotidiano das pessoas: boa vontade, amizade, solidariedade, interação social entre os indivíduos e as famílias que compõem uma unidade social [...] Uma pessoa apenas existe socialmente, se deixada a si próprio [...]”(Hanifan, 1916)

No dia e d'este corrente mez teve logoar a entrada de S. Exe. Rvd. D. Aduato, na Villa de Patos [...]; e foi imponente aquella entrada, pois acompanharam á s. exe. mais de 200 luzidos cavalheiros que tinham ido esperal-lo á certa distancia. A Villa enfeitou-se decentementee notava-se no semblante de todos o mais completo regozijo; pois todos queriam ver o grande Pastor, ambicionavam beijar-lhe o anel e ouvir a sua inspirada palavra. A visita d'um presidente de republica, dum rei, dum imperador não movimentaria tanto e tão voluntariamente a população d'esta freguezia, destes sertões, para congregar-se em amplexos suaves e fecundos como a d'um príncipe da Egreja Catholica Apostólica Romana, cuja palavra é um som vibrante de alertas os corações para dirigirem-se a Deus, é um balsamo tranqüilo e vivificador para curar os males do pecado [...]. (A IMPRENSA, 03.08.1902).

Outra perspectiva que podemos analisar é a relação Bispo com do Jornal da Diocese, se mostrando como um homem poderoso e admirado pela população que o colocaria acima de uma autoridade política. Essa promoção pode ser pensada na criação de uma representação de um sacerdote poderoso e amado pelo povo.

Outro processo interessante que aumenta ainda mais o poder do bispo e sua influência na romanização do clero, que o mesmo era um grande defensor, como afirma BARRETO (2011) foi:

Essa natureza ficou ainda mais evidente quando da adoção da romanização pela igreja no Brasil Republica. O cumprimento das determinações das encíclicas não só foi materializado como transcendido pelos Bispos "reformadores", do quais são exemplos Dom Aduato Aurélio de Miranda Henriques, discípulo de Dom Vital e Primeiro Bispo da Diocese da Paraíba e Dom José Tomás Gomes, pupilo de Dom Aduato Aurélio, e primeiro Bispo da Diocese de Aracaju. Tais Bispos dentre outros elevaram o catolicismo no Brasil com suas práticas e condutas e foram, por certo, o maior e o mais promissor investimento da Igreja Católica Apostólica Romana, no Brasil republicano, tornando-se, por excelência, como destaca Miceli (1988), membros da elite eclesiástica brasileira republicana. (BARRETO, 2011).

O processo de romanização levou à emergência de uma classe sacerdotal renovada, que tentava adequar à igreja brasileira à nova realidade republicana, fazendo uma adequação aos novos tempos, visto que a estrutura da igreja era quase toda voltada para os tempos imperiais, e com os ares da república deveria ser modificados.

A romanização, ou Ultramontanismo, era procura por Roma como a solução para os problemas católicos, que é colocar os interesses de Santa Sé acima dos interesses nacionais, tornando algo recorrente no pensamento católico brasileiro do fim

século XIX e começo do século XX, exemplificadas na Questão Religiosa. Porém, como o Brasil vivia sob o regime do padroado, o que tornava a igreja subordinada ao imperador, o Regalismo⁹ era dominante perante o Ultramontanismo. Com o advento republicano, ocorre a separação ente o estado e a igreja, proporcionando assim as primeiras implementações de modelos romanizadores. (SILVA, 2006)

Na Paraíba, o bispo Aauto, que era ultramontanista desde o tempo de professor no seminário de Olinda, começou o processo na Paraíba assim que assumiu a administração diocesana. Suas influências vinham dos seus preceptores o bispo dom Vital¹⁰ e o próprio papa Leão XIII que foi seu professor em Roma.

Ou seja, a partir de uma série de fatores levou a romanização na Paraíba, e podemos analisar também que a indicação do bispo para a Paraíba foi para um maior controle do poder central católico (Roma), sobre a nova diocese e posterior província eclesiástica. O que proporcionava também uma ideologia única no pensamento católico na região, que estava passando por dificuldades no Brasil devido ao aumento do messianismo. O catolicismo popular só poderia ser combatido por um clero unido e com apenas um viés de concepção de igreja.

Pensando em estratégias de romanização, assim Dom Aauto comenta o poder papal:

Por direito divino, pois, em virtude de nossa legítima missão vamos exercer em Nossa cara Diocese da Paraíba a jurisdição Episcopal. Mas ao passo que é de direito divino a jurisdição do Bispo em sua Diocese, a do Pontífice Romano o é na Igreja Universal. De modo que Ele não só é o Bispo de Roma, senão também o de todas as Dioceses da Igreja Católica. A Ele só a Ele como Pedro e Pastor Supremo das ovelhas de Jesus Cristo pertence dividir o orbe católico no número de Dioceses, que julgar mais conveniente para o bem espiritual do divino rebanho. (CARTA PASTORAL, p.12, 1894).

Ou seja, colocando o poder do papa acima de qualquer outro, como representante maior de Deus na terra, o sumo pontífice deveria ser obedecido pelos sacerdotes, pelo povo e pelos governantes.

⁹ Doutrina pela qual o Estado tem o direito de interferir nos assuntos internos da Igreja Católica

¹⁰ Bispo ultramontano, personagem principal da Questão Religiosa

Dom Adauto já como arcebispo ressalta a sua devoção Leão XIII, e ao mesmo conclama a população a ler publicações católicas que defendam a moral de origem da religião em uma carta pastoral publicada no jornal a imprensa:

O imortal Pontífice Leão XIII que resolveu, com aprumo e tato social, as grandes questões de seu tempo, resumiu nestas palavras o âmbito de nossos deveres para com a imprensa: ‘Cumprir aos católicos, escreveu ele, sustentar, de uma maneira eficaz, a boa imprensa [...], concorrendo diretamente para fazê-la viver e prosperar, o que pensamos se há feito bastante até agora [...]’ Nenhuma propaganda, assim, mais importante, hoje em dia, do que a boa imprensa [...]’ Se os católicos se resolvessem, como devem, a não comprar nunca livros maus e a não assinar jamais um só jornal que publique coisas contra a fé ou os bons costumes, contra a Religião ou seus ministros, contra a justiça ou a caridade, certo desapareceriam na sua maior parte estas máquinas de guerra e fatores de demolição e já não teríamos de deplorar as suas más conseqüências na família e na sociedade. (JORNAL A IMPRENSA, p. 3-7, 1918).

A relação entre a romanização e o perfil político de Dom Adauto está em sua postura de porta-voz de Roma perante a sociedade, como foi trabalhada nos tópicos anteriores, mas também como interlocutor da Santa Sé diante do governo do estado da Paraíba, posição de suma importância, visto que naquele momento uma maioria esmagadora da população era católica. Mesmo com a separação entre estado e igreja completa em um plano administrativo, no plano da ideologia e da moral a igreja ainda influenciava muito o estado, seja no plano nacional ou regional.

Considerando como figura política, Adauto se mostra ao mesmo tempo um exímio administrador perante a Santa Sé como um dos responsáveis pela romanização do clero da Paraíba. Para os fiéis, como um representante de Deus e extremamente culto e santo, que a população deveria admirar. E para os políticos, como um indivíduo de uma família importante que detinha um cargo muito alto e que por isso deveria ser respeitado e suas palavras consideradas.

Em suas multifaces políticas, vemos um indivíduo que através do poder simbólico conseguia demonstrar força sobre boa parte dos segmentos sociais e criar uma rede de sociabilidades que aumentava exponencialmente esse poder.

Como um romanizador, podemos concluir que o mesmo apenas reproduziu o habitus do seu local de estudo e de trabalho, o que também pode ser encarado como um

estratagemas para subir na hierarquia católica, visto que a Santa Sé estava tentando aumentar seu poder perante as províncias eclesiásticas, desse modo, com seu ultramontanismo, serviria muito bem aos planos de Roma. Pensando nesses estratagemas vemos que destaque em uma diocese recém-criada e pobre é grande, pois com suas estratégias políticas fez com que sua administração lograsse reconhecimento em todo o então norte do país.

A figura ímpar de Dom Aduino Aurélio de Miranda Henrique sempre foi alvo de estudos, seja de sacerdotes, seja de historiadores e demais pesquisadores, devido a uma excelente administração e excelente autopromoção que o levou as páginas de um jornal próprio e que criou um imenso material sobre o mesmo, enfim, concluímos que o homem Aduino fora um dos grandes políticos personalistas da Paraíba da República Velha, junto com Álvaro Machado e Epitácio Pessoa.

2. AÇÃO PASTORAL DE DOM ADAUTO

Desvendando Aduino através das suas cartas pastorais, podemos afirmar que o mesmo detém o que Boudieu (2001) afirma ser capital cultural, conceito que usaremos no sentido de acúmulo de conhecimento e cultura. No caso, consistia num conhecimento em detrimento de uma população quase que em sua maioria de analfabetos, se colocando como o homem que tinha o preparo para desempenhar a função de bispo, sendo o primeiro paraibano a assumir tal posição, o que o colocava acima dos outros em relação ao seu conhecimento. BOURDIEU (2001) define o conceito de capital cultural como sendo “*em segundo lugar o capital cultural, ou melhor, o capital informacional também em suas diversas formas*” (BOURDIEU, 2001, P. 4).

Como o único bispo dos estados da Paraíba e do Rio Grande do Norte, Dom Aduino ficava como representante máximo da Igreja Católica e, desse modo, cabia a ele passar as novas recomendações da Santa Sé para as duas unidades da federação. Isso

pode ser ressaltado do que podemos chamar de capital político que, segundo BOURDIEU (2001):

“ [...]é uma forma de capital simbólico, credito firmado na crença e no reconhecimento ou, mais precisamente, nas inúmeras operações de credito pelas quais os agentes conferem a uma pessoa – ou um objeto – os próprios poderes que eles lhes reconhecem.” (BOURDIEU, 2001, P.187).

O reconhecimento como representante maior da igreja na região o respaldava para que pudesse intervir na vida das paróquias, como o chefe da igreja local. Porém, seu capital cultural o deixava mais forte, pois sua erudição o colocava em um patamar acima dos demais sacerdotes também nas questões de conhecimento.

Nas cartas apostólicas escritas pelo papa para os estados de sua influência, Dom Aduato fazia questão de comentá-las, incluindo textos de sua autoria nesses escritos papais direcionados aos párocos e a população em si, fazendo uma espécie de resumo das ideias papais. Desse modo, podemos constatar que, além desse capital cultural e do chamado capital político pensados a partir de sua liderança na igreja católica na Paraíba, ele verticaliza esse poder se colocando como um interprete da vontade papal.

Assim comenta a carta de pio X, em 1905, onde defende a educação religiosa como garantia de uma vida social estável, pois segundo ele: *“Não duvidemos: sem a instrução religiosa veremos, muito em breve e mais do que nunca, perturbadas as famílias pela e libertinagem: os esposos sem fidelidade, os filhos sem obediência, os servos sem sujeição”* (CARTA PASTORAL, 1905, P.16).

Assim, para Dom Aduato, essa educação religiosa era primaz para que o mundo permanecesse em seu status quo, mantendo-o como um mundo “civilizado”, um mundo cristão, sendo uma clara mensagem aos padres de sua jurisdição para que cuidassem da educação dos seus fieis, para que não sofressem as consequências da insurreição popular, como os fatos ocorridos no caso do Quebra-Quilos¹¹ e Ronco das Abelhas¹².

Ainda pensando na educação, o poder eclesiástico do bispo era reforçado pelo fato de ele lecionar no seminário de Olinda, o qual formava os padres da região da

¹¹Revolta popular ocorrida em algumas províncias norte (Pernambuco, Paraíba, Alagoas e Rio Grande do Norte) do Brasil, entre fins de 1874 e meados de 1875.

¹² Revolta Popular ocorrida nas províncias da Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Ceará e Sergipe, entre 1851-1852. Que se sublevaram contra os decretos 797,798, que instituam o Censo Geral e Registro Civil, respectivamente.

Paraíba, assim, tinha controle sobre a formação dos padres que posteriormente administraria.

Em mais um comentário em uma encíclica papal, agora em 1900, o bispo da Paraíba demonstra suas conquistas com o aumento da frequência de pessoas em atividades religiosas e em criações de ministérios de orações. “*Que importa que o inferno se enfureça por vêr que, em um só anno, trinta e tres centros do Apostolado da Oração se installão, florescem e fructificação copiosamente nesta Diocese?*”(CARTA PASTORAL, 1900, P.4).

Além disso, demonstra seus resultados e coloca também uma pressão sobre as classes dominantes, quando diz “[...] *nossa carissima cidade episcopal, onde há seis annos apenas uma três famílias cumprião com o preceito paschoal apenas e pouquissimas com a da missa[...]*”(CARTA PASTORAL, P.4,1900). Ou seja, no seu discurso, deixa transparecer que a igreja estava perdendo prestígio no estado, mas com sua chegada houve uma mudança bastante significativa. Dessa maneira, faz das cartas um mecanismo de autopromoção como sacerdote correto e administrador com resultados convincentes, que transformou o estado da Paraíba, colocando ordem na igreja.

Analisamos também a retomada da importância da igreja na Paraíba, partindo da visão de um sentimento de independência do estado de Pernambuco¹³, com a criação da diocese autônoma. Aproveitando dessa situação de prestígio perante os membros proeminentes da elite, visto que o mesmo também fazia parte das classes dominantes, houve uma cooptação de poderes, seja político ou religioso dos católicos

Em suas cartas também ressaltava que os padres deveriam pensar na educação, como escreve em seus comentários sobre a carta encíclica de Pio X em 1895: “*Por vossa vez, carissimos Sacerdotes e Cooperadores nossos, tereis melhor considerado a quem pertence ensinar como seu principal dever*”(CARTA PASTORAL, 1900, P.13). Isto é , um dos maiores desafios feitos por ele aos clérigos subordinados ao seu comando era o de se debruçarem sobre a educação.

Em todas as citações de suas cartas perante a administração dos seus padres e fiéis vemos que sua vontade prevalecia sobre as demais, e sua visão de como a igreja

¹³ Sentimento recorrente a época como de historiadores como Joffley dentre outros.

precisava atuar refletiu muito nas figuras eclesiásticas futuras e do seu tempo, criando um clero cada vez mais interessado na educação, como forma de salvação da igreja que começava a ter problemas com os fiéis.

Sua ação fica mais completa quando o mesmo se torna Arcebispo em 1914, pois com a criação da diocese de Cajazeiras, a diocese da cidade da Paraíba é elevada a arquidiocese (a primeira diocese da província eclesiástica). Agora, com poder de supervisão sobre as outras dioceses, seu poder foi ampliado verticalmente.

Outro fator também ampliou seu poder sobre o clero: A criação, em 1897, de um jornal chamado “A Imprensa”, onde ele poderia expor seus escritos para além do clero, alcançando todos os fiéis da diocese e posteriormente arquidiocese. Esse conjunto de fatores fez com que ele também aumentasse sua influência sobre o clero, pois com a publicização dos seus atos, o clero ficou exposto a repreensões públicas.

Em uma publicação de 1918 do jornal “A Imprensa”, com o advento do novo código canônico, o então arcebispo Aauto começa a cobrar dos seus padres, através de uma circular, que a nova lei seja cumprida e estudada para evitar futuros erros. O que chama mais atenção é que ele faz um resumo simplificado das principais mudanças de uma maneira bem didática: *“IV - Pelos canones 1.250 e seguintes, a lei de jejum e da abstinencia ficou alterada do modo seguinte:1ª - A lei da abstinência proíbe carne, mas não ovos, laticínios o quaisquer condimentos, ainda os de gordura de animaes”*(A IMPRENSA, 1918, P.1).

De um modo simples, o arcebispo demonstrava as mudanças aos seus subordinados, mostrando sua importância de interprete das bulas papais, reafirmando assim sempre seu poder. Ao mesmo tempo ensina aos seus subordinados de uma forma direta as mudanças, voltando à época de professor.

No esforço de guerra de 1917, quando o Brasil declarou guerra a Tríplice Aliança¹⁴, apesar de nunca ter colocado um soldado em campo de batalha, a igreja contribui muito para que houvesse uma mobilização, como mostra uma carta pastoral do arcebispo Aauto, publicada no jornal a Imprensa:

¹⁴ Império Austro-Húngaro e Império Alemão

No púlpito, nas escolas, onde seja conveniente e compatível com o carácter sagrado, dentro dos moldes tradicionais da disciplina eclesial, sem desafogos imprudentes, mas com a correção e dignidade que nos é própria, fortaleçamos entre o povo a consciência do dever nacional, alimentemos o seu patriotismo com sábios e avisados conselhos, preguemos a obediência e docilidade às autoridades constituídas. (A IMPRENSA, 1917, P.2).

Além desse esforço, podemos reforçar o que KULEZSA (2002) diz sobre a congruência entre o estado republicano e a igreja. O Estado, de um lado, preserva o poder da igreja e, em troca, como vimos acima, a igreja prega o respeito ao estado. Essa relação cordial permitirá uma época de poucas contendas no âmbito religioso.

Fazendo uma análise geral sobre o exposto em relação à ação pastoral do bispo e posteriormente arcebispo Adauto de Miranda, vemos que o mesmo foi um administrador capaz e rígido, e também um professor de seus subordinados, sempre ressaltando sua “superioridade”, tanto na hierarquia quanto no saber. Em suas primeiras cartas aos seus subordinados, sempre ressalta a questão do saber, e em suas escritas, depois de ser elevado a arcebispo, leva em conta sua posição na hierarquia católica, mostrando as mudanças e demonstrando as soluções a serem tomadas.

Como primeiro administrador da diocese, coube a ele um grande desafio administrativo, desempenhando grande poder perante a sociedade paraibana, principalmente em relação aos seus subordinados, pois antes da criação da Diocese da Paraíba, os padres respondiam ao bispo de Olinda, e assim estavam territorialmente longe de um controle direto. Com a criação dessa diocese o poder local da igreja cresce muito e, além disso, a representação desse poder cresce também no imaginário da população com a proximidade de Roma, ou seja, o homem que estudara com o papa, que habitava a cidade eterna estava ali com eles, os colocando mais próximos do centro de igreja católica.

3. A RELAÇÃO DA ENTRE A MODERNIDADE E A RELIGIOSIDADE.

Fazendo um contraponto com o momento que vivemos hoje, onde vários intelectuais sentem angústia ao pensar em um limiar do tempo, em que as antigas teorias já não dão conta de um mundo em que as mudanças são constantes. Do mesmo modo, a transição de um pensamento religioso para uma laicização, que acontece nesse período de tempo desperta um temor do futuro, de como seria um mundo sem a presença da Igreja.

O pensamento moderno, que surge em contraponto ao pensamento religioso, colocando a razão como substituto da fé. No século XIX, com o avanço científico, esse princípio racional se torna mais forte em detrimento de um pensamento religioso, isso dentro das esferas de conhecimento. Sobre esse momento HABERMAS (2000), em relação ao pensamento racional que ele retrata como partido filosófico, afirma: *Este insiste no princípio de que a religião não tem absolutamente nada de positivo em si mesma, mas que está autorizada pela razão humana universal, de modo que 'todo homem reconhece e sente as obrigações [da religião] se estiver atento a elas* (HABERMAS P.39, 2000). Portanto, a religião foi retratada tanto pelo positivismo quanto pelo marxismo, como um atraso para sociedade. Esse fato preocupava a igreja, pois tanto os pensamentos científicos mais conservadores (positivismo) quanto os mais revolucionários (marxismo), viam a crença como uma forma de atraso.

Este pensamento hostil à religiosidade culmina na afirmação do filósofo NIETZSCHE que afirma: *Deus está morto! Deus permanece morto! E quem o matou fomos nós!* (NIETZSCHE, P. 125, 2001). O filósofo afirma o que se pensava à época. Deus havia morrido como fundamentação do pensamento, como respostas para os questionamentos, e em seu lugar havia se colocado a ciência, que passava a responder pelas divagações humanas.

A igreja, em sua luta com esse pensamento moderno, parte para o mundo do pensamento social, em sua luta contra outro perigo. As teorias sociais baseadas nos pensamentos de Marx. Essa discussão acerca de uma possível sublevação popular socialista já preocupava a igreja católica, que elaborou uma própria teoria social, criada por Leão XIII, onde pregava uma mudança de ação para com os mais pobres, baseada na solidariedade, porém rejeitando as teorias de Karl Marx, ou do anarquismo, assim, preservando a estrutura de poder, contudo pensando de uma forma branda o agir com os menos favorecidos.

Pio X, substituto de Leão XIII, combate firmemente o laicismo e a heterodoxia dentro da igreja católica. Na Paraíba Dom Adauto segue o seu superior e em uma clara referência aos filósofos dos séculos XVIII e XIX. Ele prega o seguinte pensamento:

Aquelles que nos dous ultimosseculos levantaram a voz com o estrondo da trombeta para prégar o odio e o drepezo a Religião; aquelles que reclamavam como gloria sua ter curado, como diziam, o corpo social de uma enfermidade violenta, o fanatismo, não viam que depositavam em seu seio germens de ruina e de morte!?! (CARTA PASTORAL, 1905, P.17).

Dessa Forma, segundo ele, a filosofia, a ciência e o pensamento moderno tinham retirado à única certeza do mundo, que era a religião e, segundo ele, teria colocado o mundo em ruína.

Desse modo, em seu contraponto a estes escritos, Dom Adauto tenta demonstrar que o ateísmo seria a causa da barbárie quando diz que:

Nunca o sangue humano correu com mais abundancia que debaixo no reinado do atheismo. não nos admiremos. quando se não vê na especie humana mais que uma familia de plantas ou uma raça particular de animaes, dever-nos-á, surprehender quea tratem com desprezo e se considerem suas dôres e sua morte tão somente um joquete? (CARTA PASTORAL, 1905, P.17).

O ateísmo tinha levado parte da Europa à ruína, pois a santidade da vida humana, que para a religião tinha sido criada por Deus, não era respeitada num mundo que a colocava como apenas mais uma espécie animal. Essa critica era também sobre a teoria da evolução das espécies de Darwin, que fora reformulada por Spencer, e ganhará um caráter mais filosófico e também mais positivista.

O pensamento filosófico ligado ao ateísmo e o racional, desse modo igreja logo percebeu que a modernidade poderia trazer consigo algo perigoso ao predomínio no Brasil, um dos maiores recantos católicos até hoje. (Questão Religiosa no Império).

Segundo Kulezsa (2000) essa situação vai ser definida com um rearranjo entre o estado e a igreja:

Enquadrando as ideologias contrárias à ordem republicana - como o socialismo - no mesmo rol das heresias contra a ortodoxia pontifical, a

Igreja, assumindo sua responsabilidade na luta contra os inimigos do Estado, exige, em contrapartida, que o Estado abrigue suas instituições dos demônios - como o laicismo - liberados com o advento da modernidade. (KULESZA, P.2, 2000).

Desse Modo, o estado brasileiro, um regime recém-construído, precisava de uma instituição forte que o respaldasse, e em troca garantiria a continuação do catolicismo (mesmo que não oficial), como uma espécie de religião estatal, deixando de lado, portanto o laicismo. Percebemos assim que as lideranças da igreja e a política estavam nas mesmas mãos.

Mesmo com esse discurso de afirmação, a igreja precisava mudar pelo menos de ordem do discurso, desse modo, analisaremos essa frase de Dom Adauto: “*É fácil fazer uma enumeração minuciosa de todos os males que a Religião mal compreendida tem podido servir de ocasião ou pretexto pelo orgulho e ambição dos homens [...]*”. (CARTA PASTORAL, 1905, P.16). Ele esboça que a religião, quando mal interpretada, pode ser usada como pedestal para pessoas alcançarem suas ambições.

Nesse contexto, pensando um mundo moderno, vemos que a discussão permitiu, mesmo que pouco, uma nova interpretação da religião e da política, onde o próprio bispo reconhece que a religião foi utilizada como pedestal de poder para muitos políticos, e vendo também o contexto histórico em que o bispo estava com alguns movimentos messiânicos explodindo no Brasil.

A afirmação vai também relacionar a religião com racionalidade, pois a igreja, através da educação, traria para a religião católica uma espécie de frequentadores “esclarecidos” e “modernos” que acreditavam na igreja e conheciam todos os seus dogmas. Uma mudança e tanto, visto que a própria igreja no século XVI, XVII, era contra a leitura da Bíblia por seus fiéis.

Essa mudança de paradigma é o que podemos chamar de fenômeno racional, uma influência do positivismo, do cientificismo, onde tudo que pode ser científico é atribuído a uma carga semântica maior de verdade. Desse modo, até a Igreja teve que adaptar suas pregações e sua forma de agir. É claro que a mesma continuou conservadora, porém querendo fiéis mais instruídos (pela igreja é claro).

As ações de cunho racional colocam a igreja em um impasse: Ser contra a modernidade ou ser sua aliada? A escolha foi mesclar, usando o que poderia ser encaixada com a religião e descartando as que não, adotando uma postura conservadora em relação a moral, porém se colocava ao lado da modernidade (racional) quando denominavam charlatanismo as práticas das religiões afro-brasileiras, do kadercismo.

Se colocando como uma religião que estava em progresso¹⁵ apontava as outras como religiões atrasadas e ligadas ao bárbaro, ao primitivo. Nesse caso específico vamos pensar a questão do espiritismo kardecista. Observamos isso através de artigos no jornal “A Imprensa” da arquidiocese da Paraíba:

O espiritismo de exploração está se extendendo nesta capital e deixando após os seus tristissimos rastros os mais nefastos resultados.[...] O dr. João Franca, delegado do 1º districto fez diversas rebuscas policiaes nas casas de algumas pessoas que exploram os incautos com praticas grosseiras de espiritismo. (A IMPRENSA, 1917, P.3).

Esta perseguição ao espiritismo partia da igreja e do próprio estado, que os considerava algo que deveria ser extirpado de um estado moderno, que pregava o progresso e a ciência, não podendo conviver com práticas “primitivas”, “charlatãs”. Enfim, a modernidade foi aos poucos sendo utilizada como forma de aumentar os poderes das instituições já existentes (é claro que com uma cara nova), estado (republicano) e a igreja (preocupada com o social).

Fazendo umas considerações finais sobre a relação do bispo e posteriormente arcebispo com a modernidade, vemos que ele foi um crítico ferrenho de grande parte dos movimentos, porém se aliou a um estado dito “positivista”, usando também da ideia de modernidade para tirar da mente da população as tradições de um catolicismo popular. Enfim, o comportamento do bispo foi extremamente ambíguo, considerando seus interesses e não se preocupando em mudar suas opiniões. Assim, ele teve que se adaptar às mudanças dos tempos e dos paradigmas, porém sempre defendendo a igreja, a religião e o cristianismo contra aquilo que o mesmo julgava perigoso.

¹⁵ Ideal positivista de progresso através da evolução dos estados históricos (COMTE, 1973)

4. EDUCAÇÃO E O BISPO ADAUTO

A preocupação com a educação esteve muito presente na segunda metade do século XIX: “Desde a segunda metade do século XIX, a questão política da educação popular envolveu, em todo o Ocidente, a discussão sobre a organização administrativa e didático-pedagógica do ensino primário” (SOUZA, 2000, P.9). Essa preocupação também atinge a igreja que, através do papa Pio X, começa a exigir uma educação religiosa.

Em todos os escritos de Dom Adauto que conseguimos analisar, ele menciona a questão da educação. Como discutido em tópicos anteriores, a igreja não estava em um bom momento em matéria de influência social em um plano mundial, porém seu poder sobre na região Norte (hoje Nordeste) do país era imensa. Porém havia uma questão a ser debatida, qual seja o messianismo e o milenarismo, que estavam muito presentes no final do século XIX, e a experiência de Canudos levou a Igreja Católica brasileira a pregar uma “instrução” para as classes subalternas.

Porém, essa educação era baseada numa visão escolástica, com um pouco de cientificismo. Desse modo, a igreja construiu muitos colégios, e os padres se constituíram como os novos “jesuítas” e a população como os novos “nativos” voltando a ser catequisados. No estado da Paraíba, onde a educação sempre foi deficitária, o clero e a educação nunca estavam dissociados.

Outro “mal” que a igreja esperava combater era a indiferença dos fieis para com a igreja, ou seja, uma espécie de descompromisso com a fé católica. Como ele relata nos comentários sobre a carta encíclica de pio XI “*Sem a instrução das cousas divinas necessariamente prevalecerá o indiferentismo religioso. Ora, caminhando com a luz da razão e experiencia vemos que é impossivel prevalecer em um povo o indiferentismo religioso em causar a ruina da ordem publica e da liberdade.*”(CARTA PASTORAL, P.17, 1905). Portanto a educação religiosa seria uma salvação não só para a doutrina da igreja como também para o mundo secular.

A ordem pública viria de uma educação de moldes católicos, que deixariam os jovens docilizados¹⁶, portanto seria o ideal para o estado, homens e mulheres que estariam sobre a égide da igreja nunca entrariam em conflito com o governo. O que propõe o bispo é que a educação controlada pela igreja é menos perigosa para o estado do que os homens se instruísem por eles mesmos. A instrução era algo inerente ao mundo moderno, porém ela poderia ser ideologizada, como ocorreu em quase todo o século XX. (CAMBI, 1999).

Dom Adauto alerta para que seus padres cumpram as determinações papais acerca do ensino religioso, como visto aqui:

Por nossa vez, caríssimos Sacerdotes e Cooperadores nossos tereis melhor considerado a quem pertence ensinar como seu principal dever: 'Este dever de ensinar é de todos o mais grave, esta obrigação de doutrinar os fieis é a mais estricte de todas as obrigações para todo e qualquer sacerdote. E, se não ha sacerdote a quem se não appliquem estas palavras, que diremos daquelles que, revestidos do nome e do poder de parochio tem o encargo de directores das almas em virtude de sua dignidade e como por um quase contracto?'"(CARTA PASTORAL, 1905, P.13).

O papa Pio X vinha, através de sua carta papal, estimular o ensino religioso como uma das principais atividades dos párocos do Brasil. Isto é, o ideal de ensino vinha de ordens do Vaticano, que estava tentando arregimentar mais fiéis instruídos que defendessem os ideais católicos perante a pesada chuva de críticas dos intelectuais da época.

O ceticismo era o grande mal a ser combatido, e ele seria combatido através da criação de um grande suporte educacional religioso que absorvesse principalmente as classes menos favorecidas (populares), e nessa tendência o bispo vai construir diversos colégios em toda a Paraíba.

Preocupando-se singularmente com a educação feminina, criou o colégio Nossa Senhora das Neves, que era referência para os colégios femininos, assim como o Lyceu era para o sexo masculino. Diga-se que ambos eram de elite e a maioria dos seus frequentadores era, no mínimo, da classe média.

¹⁶ “Para o homem disciplinado, como para o verdadeiro crente, nenhum detalhe é indiferente [...]”. (Foucault, 1987)

Essa sua preocupação com os colégios femininos fica evidente com o programa de ensino do colégio Nossa Senhora das Neves, onde as meninas eram ensinadas aos deveres do lar, a ler, a escrever, em algumas ciências e, é claro, na religião. Ele queria manter a tradição das mulheres no lar, submissas, enfim, tirar da mente das futuras esposas qualquer espécie de rebeldia, mantendo assim o viés católico no seio da família paraibana, pois seriam essas mulheres que educariam os futuros chefes políticos. Era uma maneira de deixar assegurado o futuro católico na região.

Nessa época, houve um grande aumento na criação de colégios, seja na capital, seja no interior do estado. A maioria foi criada por sacerdotes, isto é, as recomendações papais e diocesanas foram cumpridas. A igreja estava mais uma vez com o poder educacional na Paraíba.

Em relação aos outros princípios educacionais liberais dos pais, a posição da igreja paraibana era a de crítica ferrenha ao modelo, como vemos em uma seção chamada “para todos” do jornal “A Imprensa” de 13 de janeiro de 1918, que trazia as seguintes afirmativas:

Os fructos da educação livre

Serão doces ou amargos? Vede-os na maior parte dos jovens que assim foram educados. São tão caprichosos que se tornam insuportáveis. São arrogantes e soberbos. Frequentam más companhias e dão-se ao vício. São preguiçosos e tornam-se inúteis. Eis os fructos dulcíssimos da educação que tantos pais dão a seus filhos. (A IMPRENSA, 1918, P.2).

Como vimos, a visão da igreja sobre a educação liberal dos pais dos alunos, era uma preocupação com o futuro deles, pois, para o ideal católico, poderiam ser tornar delinquentes. Ou seja, era uma propaganda velada dos serviços educacionais religiosos que tornariam os estudantes futuros cidadãos de respeito. Como ressaltamos, isso nos mostra uma clara tentativa de retomada de poder educacional da igreja, instituída pelo papa Pio X.

O maior obstáculo a essa retomada era justamente o crescimento dos colégios não confessionais, e para superar essa situação a igreja começou a atacar a moral da educação não religiosa, como vimos acima, mostrando suas falhas na formulação do caráter do aluno.

Ainda nessa mesma contenda, em um artigo chamado “a moral do ensino” do jornal “A Imprensa”, diz:

Que fazer agora? Fugir! - é a palavra sagrada. Enfrentai-os com a fuga e contareis victoria. Na vida pura e honesta, no trato com os bons, tereis o vigor do corpo e do espirito para as lutas ordinarias da vida. Nutri o espirito de sãos principios bebidos nos bons livros e fortalecidos no exemplo de gente bôa; acautelai o corpo dos excessos, dos gósos e mundanidades. Então, sereis fortes. (A IMPRENSA, 1918, P.2)/

Vemos uma definição dessa educação em um modo ascético, em um recolhimento da sociedade, onde os jovens devem buscar o sagrado e deixar a vida profana de lado. Dessa parte mundana, os jovens devem usufruir o mínimo possível para não se contaminar com os excessos e manter sua pureza. Podemos colocar esses paradigmas, guardando as proporções, com a permanência medieval, época onde a igreja pregava o ascetismo como uma forma de alcançar o divino.

Era também uma forma de tentar frear os processos de libertação instituídos pela modernidade e que já surtia efeito nos jovens, e com isso as instituições começaram a pregar posições mais conservadoras. Dentre essas instituições está o Estado e a Igreja, que começaram a doutrinar ainda mais seus modos educativos, constituindo uma forma de afastar o perigo de questionamentos, seja no campo político, seja no campo da religião.

Então, pensando as partes expostas sobre a premissa educativa do bispo e também da Igreja Católica, vemos que houve uma grande “corrida educativa”, em que a instituição colocou a religião como uma premissa da instrução pública, aconselhando o estado instruir a população. Porém, essa instrução seria ideologizada religiosamente, uma educação altamente conservadora que garantisse o status quo a sociedade dominante.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Depois de uma discussão sobre a vida eclesiástica de Dom Adauto Aurélio de Miranda Henriques, vimos que o homem gerou várias repercussões, seja como administrador da igreja, seja como figura política, seja como educador. Formulou várias

facetas, porém sempre colocando seu pensamento e suas posições em todos os aspectos elencados na pesquisa.

Percebemos que a sua escolha para administrar a primeira diocese e primeira arquidiocese foi uma decisão de um modelo a ser implantado através de suas inclinações político-religiosas, pois formou uma ideologia predominante de respeito aos preceitos romanos.

A sua importância para a consolidação do catolicismo romano como um dogma na sociedade paraibana foi enorme, pois com a distância da administração o catolicismo popular tinha ganhado grande importância e a interferência de políticos na vida eclesiástica era grande, mas, com sua chegada, houve uma reformulação, a igreja passou a exercer um poder maior na vida da população.

Pensando nesse poder sobre a população com a criação de colégios, aumentou o seu poder sobre os jovens, pois o ensino era baseado em uma moral católica e ligado a fé nos ritos romanos, levando a certa “idolatria” da figura do papa, que poderia de certo modo ser transferido para seu representante (D. Aduato).

Penso que minhas inquietações foram elucidadas, pois consegui ver quais foram às faces dessa figura histórica e como o mesmo utilizou de seu poder para aumentar ainda mais sua visibilidade pela população, ou seja, como o próprio criou a sua imagem de homem que deveria ser respeitado e ser escutado, pois era culto, tinha o poder religioso, tinha um papel importante politicamente falando e era um exímio educador.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. 4. ed. Trad. Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001

BARRETO, Raylane Andreza Dias Navarro . **A formação de padres no Nordeste do Brasil (1894-1933)**. 01. ed. Natal: Edufrn, 2011. v. 300. 328p .

DIAS, Roberto Barros. “Deus e a Pátria”: Igreja e Estado no Processo de romanização na Paraíba. Dissertação de mestrado. PPGH/UFPB, 2008

- CAMBI, Franco. **História da pedagogia**. São Paulo: UNESP, 1999, p.200.
- CARVALHO, J. M. **Os bestializados**. O Rio de Janeiro e a República que não foi. 3. ed. São Paulo: Cia das Letras, 1987. v. 1. 196p .
- CELLARD, A. **A análise documental**. In: POUPART, J. et al. A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos. Petrópolis, Vozes, 2008.
- COMTE, Auguste. **Cursode Filosofia Positiva: uma síntese do pensamento de Comte**. 1839/42. São Paulo: Abril Cultural, 1973.
- GONÇALVES, M. A. **História ou romance? A renovação da biografia nas décadas de 1920 a 1940**. ArtCultura (UFU), v. 13, p. 119-135, 2011.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**. Petrópolis, Vozes, 1987, 280 p.
- HABERMAS, Jürgen. **O Discurso filosófico da modernidade**. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- Hanifan, L. J. **Evening Classes for West Virginia Elementary Schools**.Charleston, WV, DepartmentofFreeSchools, 1916
- KULESZA, W. A. . **Igreja e Educação na Primeira República**. In: 25a. Reunião Anual da ANPED, 2002, Caxambu. Educação : manifestos, lutas e utopias. Rio de Janeiro: ANPED, 2002.
- LIMA, Francisco. **Dom Adauto Subsídios Biográficos V. 01, A união**, 1956.
- MALATIAN, T. M.. **A biografia e a História**. CAdernos Cedem, v. 1, p. 16-32, 2008.
- NIETZSCHE, Friedrich. **A gaia ciência**. Tradução de Paulo César Souza. São Paulo:Companhia das Letras, 2001.
- SANTOS NETO, Martinho Guedes dos . **Poder político na Primeira República: tradição oligárquica e prática personalista**. In: Alômia Abrantes; Martinho Guedes dos Santos Neto. (Org.). Outras histórias: cultura e poder na Paraíba (1889-1930). 1ed.João Pessoa - PB: Editora Universitária da UFPB, 2010, v. , p. 189-211.
- SILVA, Ramsés Nunes e,. **“Signal dos Tempos”:Modernidade, Secularização e Laicização na Instrução Publica da Paraíba do Norte(1867-1902)**. Dissertação de Mestrado. PPGE/UFPB, 2006
- SOUZA, R. F. . **Inovação educacional no seculo XIX: a construção do currículo da escola primária no Brasil**. Cadernos do CEDES (UNICAMP), CAMPINAS, v. 51, p. 33-44, 2000.

FONTES

Carta Pastoral. A consagração do gênero humano. 1900.

Carta Pastoral coletiva, Bahia, 1901.

2ª Carta Pastoral Coletiva, Bahia, 1904.

Carta Pastoral sobre a Encíclica Acerbo Nimis, 1905

Jornal a Imprensa 21 de Dezembro de 1917.

Jornal a Imprensa, 6 de Janeiro de 1918.

Jornal a Imprensa, 13 de Janeiro de 1918.

Jornal a Imprensa, 20 de Janeiro de 1918.